

Logradouros Atuais – Q, R, S

QUINTA RESIDÊNCIA, bairro

Nas proximidades do encontro das ruas Alan Kardeck e Antonio Fernandes Valentim foi instalada a base do Departamento Estadual de Rodagem em Leopoldina, a 5ª Residência. Pelo grande movimento que provocava, não tardou muito e o lugar passou a ser referido como 5ª Residência. No local onde ficava a sede do DER existia um campo de futebol.

Abrange as ruas Alan Kardeck, N. S. Aparecida, Antonio Fernandes Valentim e suas transversais.

RAFAEL GORRADO, avenida

(Jardim Bandeirantes) – Liga a rua Otto Lacerda França à rua Sidney Francino de São José. Seu nome surgiu com a lei nº 1083, de 06.06.75

RAMOS, vila

(Centro) – Ver Etelvina Ramos.

RANULFO MATOLA MIRANDA, rua

(São Luiz) – Começa na BR-116, em frente ao posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal, ao lado do depósito de refrigerantes. Durante um curto período, em razão da lei nº 867, de 24.01.1973, o nome de Ranulfo Matola Miranda designou a atual rua das Flores. Mas logo esta lei foi revogada. A lei nº 799, de 27.04.72, alterou “para José Maurício uma travessa que recebeu o nome de Ranulfo Matola”.

Ranulfo descendia de Antonio Justiniano Matola de Miranda. Foi industrial (olaria e cerâmica), sitiante, delegado municipal de polícia e vereador. Ranulfo era casado com Honorina Pacheco Moraes, filha de Pedro Pacheco de Carvalho e Manoela Moraes, que se instalou no lote 62 da Colônia Constança, em dezembro de 1911.

Ranulfo Matola era pai, dentre outros, de Pedro Matola, também homenageado com nome de rua da cidade.

RAPHAEL DOMINGUES, rua

(Fátima) – Liga a rua Farmacêutico Durval Bastos à rua Gentil Pacheco de Melo. Seu nome surgiu com a lei nº 482, de 26.07.1963 que dizia tratar-se de uma via pública, sem nome, que ligava a estrada de Providência à rua Vinte e Sete de Abril.

Raphael Domingues nasceu 21 de janeiro de 1863 na Vila de Gondar, distrito de Caminha, Minho, Portugal filho de Domingos José Domingues e Josefa Rosa. Casou-se com Idalina Gomes, também nome de logradouro. O casal teve 12 filhos, destacando-se entre eles outro homenageado, o Dr. José Gomes Domingues. Uma de suas filhas, Maria de Lourdes Gomes Domingues, casada com Geraldo Rosa, é a mãe de Luiz Raphael Domingues Rosa, diretor do Espaço dos Anjos, do Dr. Maurício Domingues Rosa e das professoras Ângela Maria e de Maria Beatriz.

Rafael Domingues foi comerciante muito conhecido na cidade. Sua casa de comércio ficava na praça General Osório, esquina com a rua Plóbio Cortes de Paula.

RAPHAEL IENNACO, rua

(Maria Guimarães França) – Começa na rua Castro Alves e termina na rua Maria Cândida Fajardo Lamoglia. A lei nº 940, de 17.10.1973, deu nome de rua Raphael Iennaco à via pública que no bairro dos Pirineus, está denominada no mapa como rua 6, quadra B. A lei nº 1131, de 12.05.76, diz que fica denominada rua, a via pública situada no local onde estão construídas as casas populares da COHAB – MG e que no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua C.

Raphael era filho de Lourenço Iennaco e irmão de Vicente Iennaco, ambos homenageados com nomes em logradouros públicos da cidade. Foi casado com Juraci Gesualdi, filha de Miguel Gesualdi, também homenageado em logradouro. Era comerciante e, segundo consta, foi o fundador da Casa Emma.

Ver mais sobre a família, em Lourenço Iennaco.

REDENTOR, bairro

Este bairro se confunde com o da Ventania. Por vezes é citado com Cristo Redentor.

Cristo Redentor ou, Redentor, é o nome do morro que fica à esquerda de quem chega à cidade pela av. Jehu Pinto de Faria.

O bairro abrange, dentre outras, as ruas Laert Araújo Mendonça, José Marazzi e o final da rua Getomir Pereira Bela.

RENATO MONTEIRO JUNQUEIRA, rua

(São Cristóvão) – Liga a rua Nilo Colono dos Santos à rua Dr. Clóvis Salgado Gama. A denominação desta rua ocorreu com a lei nº 1.280, de 28.08.78, que informa estar localizada na margem direita do bairro Bela Vista. No mapa do loteamento encontra-se identificada como rua 20.

RIBEIRO JUNQUEIRA, rua

(Centro) – Começa na praça General Osório e finda na praça José Pires, no início do bairro Bela Vista. Antigamente esta rua chamava-se Campo Limpo. Teve seu nome mudado pela lei nº 50, de 22.02.1949, possivelmente em função da mudança do nome do distrito que a 27.12.1948 recebeu a denominação de Ribeiro Junqueira. Além disto, na esquina desta rua, de frente para a praça General Osório, ficava a sede do Banco Ribeiro Junqueira.

Luiz Eugênio Botelho, em “Leopoldina de Hoje e de Ontem” diz que “na continuação dessa rua, que segue em direção ao bairro da Linha, vêem-se também confortáveis prédios levantados com arte e gosto, possuindo jardins em suas entradas”.

O nome Ribeiro Junqueira é uma homenagem à família do Dr. José Monteiro Ribeiro Junqueira, que presidiu a câmara municipal entre 1897 e 1902 e, a partir daí, dominou a política local por vários anos.

Dr. Ribeiro Junqueira nasceu na fazenda Niagara, em Leopoldina, no dia 27.08.1871 e faleceu em 14.05.1946, no Rio de Janeiro (RJ). Era casado com Helena de Andrade Ribeiro Junqueira. Cursou direito em São Paulo. Colou grau em 1894 e no mesmo ano foi eleito deputado pelo Sul de Minas e em 1898 reeleger-se pela Zona da Mata. Eleger-se agente executivo de Leopoldina, em 1903. Nesse mesmo ano tornou-se deputado federal por Minas Gerais, cargo para o qual foi reeleito seguidas vezes. Foi senador, Secretário de Agricultura do Estado, um dos fundadores do Ginásio Leopodinense, da Casa de Caridade, da Força e Luz, do Banco Ribeiro Junqueira e da Fábrica de Tecidos.

RICARDO COUTINHO, CAPITÃO, rua

(Jardim Bandeirantes) – Começa na rua Manoel Lacerda Leal e termina num beco que dá acesso à rua Júlio Carrara. Sua denominação oficial surgiu com a lei 1638, de 22.09.83, cuja autoria é do vereador Vicente Thomas Schettino.

O capitão Ricardo dos Reis Coutinho nasceu em Leopoldina no dia 03.04.1879. Era filho de Moisés dos Reis Coutinho e de Josefa Maria de São José. Neto paterno de Manoel Moisés dos Reis Coutinho e Maria Cândida de Jesus. Neto materno de Joaquim Pereira Santiago Filho e Francisca Maria de Jesus. Seu bisavô Joaquim Pereira Santiago, foi proprietário de 250 alqueires no Córrego de São Domingos, no então Curato de Bom Jesus do Rio Pardo, atual Argirita. Seu avô materno, Joaquim Pereira Santiago Filho, foi proprietário da fazenda Córrego das Três Barras, também em Argirita.

O capitão Ricardo era casado com Maria Cândida e deixou grande descendência que, periodicamente se reúne. Foi proprietário da fazenda Campo Alegre e do sítio das Palmeiras. Muito religioso, ajudou na construção da Catedral e do palácio Episcopal. Faleceu em sua fazenda no dia 11.03.45.

RITA DE ASSIS, praça

(Meia Laranja) – A lei nº 1.852, de 18.12.86, dá denominação de praça ao logradouro público da cidade, ou seja, à praça projetada no Terminal Rodoviário, a ser construído nesta cidade.

RITA GINA BARBOSA, rua

(Quinta Residência) – Começa na rua Alan Kardeck e termina na rua Coronel João Lau.

ROBERTO VIZANI YUNG, rua

(Bela Vista) – A lei nº 2093, de 09.06.89, dá denominação a esta via pública desta cidade. No mapa do loteamento do bairro encontra-se identificada como rua 03. Tem seu início na rua José Aragon Pinheiro e finda na rua João Teixeira de Moura Guimarães.

Roberto chegou à cidade como ator circense. Transformou-se em radialista. Durante muitos anos apresentou um programa chamado “Rancho Fundo”, na ZYK-5, Rádio Sociedade Leopoldina, emissora que chegou a dirigir. Foi taxista, presidiu a Liga Esportiva Leopoldinense e elegeu-se vereador por mais de uma vez. Era geralmente conhecido por seu nome artístico “Xamego”.

ROLANDO LADEIRA SALGADO, rua

(Bela Vista) – Liga a rua Wilson Berbari à rua João Teixeira de Moura Guimarães.

Esta rua recebeu este nome pela lei nº 885, de 15.05.1973, que diz tratar-se de uma via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua L.

Rolando foi comerciante (bazar René) e incorporador do primeiro edifício de apartamentos da cidade (Edifício Bazar René).

ROMUALDO JOAQUIM DE SOUZA, rua

(Fábrica) – Começa na rua Vinte e Sete de Abril. É um dos “becos da fábrica”, como eram conhecidas estas transversais da rua Vinte e Sete de Abril. A lei nº 1941, de 14.12.87, diz que passa a denominar-se rua Romualdo Joaquim de Souza a antiga rua José Gama, que tem o seu início em frente ao nº 117 da rua Vinte e Sete de Abril e termina em um terreno baldio. Ver José Gama em Antigos Logradouros.

Romualdo foi funcionário da Fábrica e morou numa das casas desta rua.

RONALDO MELÃO MACHADO, escadaria

(Jardim Bandeirantes) – A lei nº 1964, de 10.03.88, dá denominação à escadaria que serve de ligação entre a rua Fajardo, próximo ao nº 122 e o bairro Jardim Bandeirantes.

ROSÁRIO, bairro e praça

Bairro - O bairro do Rosário compreende as ruas que ficam nas proximidades da igreja de mesmo nome.

Praça - A praça do Rosário é o local por onde começou a cidade. Da praça saíam três ruas: a Direita (atual Gabriel Magalhães), a do Rosário (atual Tiradentes) e a Riachuelo (a que seguia para o Cemitério novo, atual Joaquim Ferreira Brito).



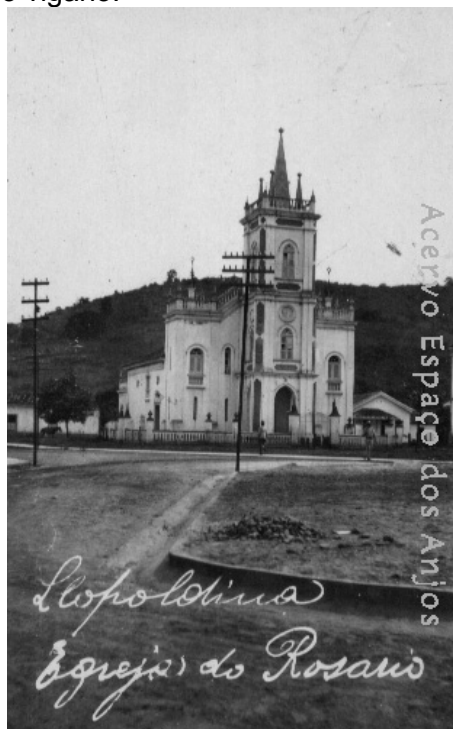
Francisco de Paula Ferreira de Rezende explica que os limites do patrimônio de São Sebastião, embora não pudesse precisar, “acreditava ser o Feijão Cru e um pequeno lacrimal (córrego) que, vindo dos lados do cemitério velho, atravessa a rua do Rosário e, depois de já estar junto com o correozinho que passa pela Cadeia (atual Clube Leopoldina), atravessa a rua Direita e vai entrar no Feijão Cru”. O mesmo autor se refere à rua do Rosário quando fala do primeiro cemitério da cidade “situado no morro que ficava para trás da rua do Rosário, na estrada que se estendia para os lados de Laranjal, Campo Limpo e Vista Alegre”.

O Almanaque de 1887 informa que na rua do Rosário podem ser encontrados o alferes Eugênio Botelho Falcão, suplente de delegado; o escrivão de órfãos sr. Antonio Carlos da Costa Carvalho; o juiz de paz, Balduino Teixeira Lopes Guimarães; os advogados Francisco de

Paula Ramos Horta e Eduardo de Almeida Magalhães; o solicitador José de Souza Soares, filho e, o Hotel José Lúcio, de José Lúcio Gomes

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890 diz que o primeiro quarteirão começa na casa de negócios de Adrelino Pinheiro de Senna, propriedade de Valério Ribeiro de Rezende, pela rua Riachuelo até a casa Ferreira Neto e Cia, na esquina do largo do Rosário.

Barroso Júnior diz que "em 1831, eleva-se aí a Casa do Rosário. O Primeiro Centenário da cidade achou nesse mesmo local a Igreja da mesma devoção, belo reflexo da devoção do padre José Maria Soleiro e José Ferreira Brito, o mesmo que edificou à sua custa, o adro da Igreja Matriz. Nela sagrou com grande pompa S. Ex. Revma. Dom Aristides de Araújo Porto, seu antigo vigário.



Como curiosidades sobre o primórdios do bairro do Rosário, anotamos algumas informações localizadas em documentos antigos. No livro caixa, códice 232, fls 19, 22.01.1873, consta que Antonio Feliciano recebeu 12\$000 pela abertura de *um curral na Rua do Rosário*,

para vasar um fosso e retirar a palha que existia no largo. Neste mesmo livro, à fls 38, 13.02.1873, está o pagamento a Francisco de Oliveira Ramos pela primeira prestação da construção da ponte da rua do Rosário, no valor de 975\$000.

No livro de Atas da Câmara, nº 6, fls 13, com data de 1878, o vereador Teixeira Lopes requer mandar fazer calçamento no largo do Rosário, partindo do calçamento existente na porta da Igreja, com 14 ou 15 palmos de largura. No de nº 7, fls 31 verso, 17.04.1880, Ernesto Vidal Leite Ribeiro, *como encarregado do pequeno espólio de sua avó a falecida Dona Anna Helena Monteiro de Barros, a quem pertencia o terreno arborizado e cercado por parede arruinada na Rua do Rozario*, requer licença para edificar no dito terreno. Mais adiante, está a explicação de que este terreno estava sendo requerido por José Lucio Gomes da Silva, que alegava que a antiga proprietária nunca cuidou dele e que ele, José Lucio, é o primeiro a requerer o terreno.

O Livro Caixa da Câmara Municipal de Leopoldina, ano 1881, folha 3 trás a informação de que foi pago a José da Costa Godinho a importância de 10\$000, por concerto de uma valeta no pátio da Casa da Câmara e na torneira da Fonte do Rosário.

RUBEM DUARTE, rua

(Desengano) – Começa na rua Custódio Junqueira.

Segundo a lei nº 647, de 25.07.1968, fica denominada Rubem Duarte a rua sem nome que parte da rua Dr. Custódio Junqueira e dá acesso aos terrenos da chácara do Desengano.

Quanto ao homenageado, sabe-se que era comerciante, proprietário da casa Henriques Felipe & Cia Ltda, que existiu na rua Cotegipe, no local onde está hoje o shopping Mar Center. Presidiu a Associação Comercial de Leopoldina e foi o grande responsável pela construção do Edifício da entidade, situado na rua Ribeiro Junqueira, ao lado da agência dos Correios.

RUBENS F. RESENDE, vila

(Mina de Ouro) - Foi a lei nº 947, de 17.10.1973, que deu a denominação de vila, na rua São Pedro, ao correr de casas de propriedade de Rubens F. Resende.

SALVADOR RODRIGUES, rua

(São Cristóvão) – Transversal à rua Nicácio Sales. A lei nº 1.317, de 14.12.78, dá denominação de rua à via que no mapa do loteamento do mencionado bairro, encontra-se identificada como rua nº 30.

Salvador era ruralista e residiu na praça Professor Ângelo.

Salvador Rodrigues Y Rodriguez nasceu em El Rozal, Pontevedra, Espanha, filho de Serafim Rodrigues Gonzalez e Maria Rosa Rodrigues Alvarez. Passou ao Brasil com sua mãe e os irmãos Rafael e Bernardo Rodrigues Y Rodriguez, além de sua tia Joana Gomez Rodriguez e Luiza Rodriguez Gonzalez, por volta de 1888. Em Leopoldina casou-se com Maria Tereza de Jesus, filha de Germano Rodrigues da Silva e Maria Custódia de Moraes.

Os irmãos Salvador e Rafael não se dedicaram à lavoura como a maioria dos imigrantes de então. Salvador era construtor e Rafael um exímio artesão com madeira. As antigas poltronas do teatro Alencar, bem como outros móveis encontrados em antigas residências de Leopoldina, foram obra de Rafael Rodrigues Y Rodriguez.

Não sabemos como se deu a aquisição do teatro por Salvador. Documentado temos apenas que ele preservou para sua família o terreno ao lado, onde vivia sua filha Maria de Lourdes Rodrigues e Rodriguez até sua morte em 31.07.2002. Segundo lendas familiares, a oficina do marceneiro Rafael esteve localizada, durante alguns anos, no térreo do atual sobrado (ao lado do cinema Alencar) onde passou a residir a Maria de Lourdes e seu marido Gastão Cerqueira Lobo.

Uma informação veio se somar a outras esparsas a respeito do primeiro Teatro de Leopoldina. No livro "O Rio Antigo - Pitoresco & Musical", de C. Carlos J. Wehrs, à página 177 encontramos uma anotação do diário do autor, em outubro de 1886: *"O teatro, o prédio, eu o sempre olhava com certo receio, porque não acreditava na sua estabilidade. Era uma imensa casa de pau-a-pique, dividida em galerias e camarotes em torno da platéia, e, embaixo, constituída de cadeiras e bancos."* Resta-nos encontrar outras referências que esclareçam em que época o prédio original foi demolido para a construção do edifício que chegou aos nossos dias.

SANTO MENEGHETTI, rua

(Três Cruzes) – Começa na rua Manoel Turíbio Barbosa. A denominação desta rua ocorreu a partir da lei nº 3139, de 23.04.99.

Santo era irmão de João Meneghite, também homenageado com nome de uma via pública da cidade.

Santo Meneghetti descendia de Fortunato Meneghetti, casado com Felomena Bonini. Fortunato, por sua vez, era filho de Sante Meneghetti, nascido em 1848 na Itália e de Regina Formenton, que teria nascido por volta de 1853, também na Itália. Regina faleceu em 25.12.1917 e era filha de José Geronymo Morim (Giuseppe Girolamo) e Maria Formenton. De Sante e Regina são filhos: 1) Felice Meneghetti, nascido em 1873; 2) Costantine Meneghetti, nascida entre 1875 e 1876 em Campolongo Maggiore/Veneza e que, em Leopoldina, se casou com Giovanni Battista Gottardo, nascido em 26.10.1872, em Vigonza/Veneto. Desta Constantine são os filhos: a) Fortunato (Natim) Gottardo (1906), esposo de Avelina Sangalli, nascida em 17.08.14. Descendentes deste casal ainda residem na Boa Sorte; b) Maria Zulmira Gottardo, nascida em 13.07.07; c) Pasquina Gottardo, em 13.04.11; d) João Batista Gottardo, em 06.11.13; e) Archangela Micaella Gottardo, em 31.03.16. 3) Virginio Meneghetti, nascido em 17.02.1880, em Veneto/Itália, casado com a italiana de Padova, Teresa Ceoldo, nascida em 25.06.1883 e de quem são os filhos: a) Domingos Meneghetti, de 12.11.1904, em Leopoldina; b) Maria Isolina Meneghetti, de 1908, que contraiu núpcias com José Antonio Sangalli, de 19.08.1910; c) Regina Meneghetti, de 18.10.11, casada com José Fofano, de 1909; d) Santo Meneghetti, de 01.10.19, homenageado com o nome desta rua; e) Armindo Meneghetti, de 1924; f) Dirceu Meneghetti, de 1928; g) Orlando Meneghetti, de 09.08.29. 4) Ermenegildo Meneghetti, italiano nascido em 1882, casado com Genoveva Calsavara, de 06.02.1890, pais de Maria Meneghetti, de 30.10.11; Helena Meneghetti; Fortunata Meneghetti; Ana Meneghetti; Sante Meneghetti; João Meneghetti, esposo de Maria Nazareth Sodré e pai de Luiz Otávio, redator da Gazeta de Leopoldina; Felício Meneghetti; e, Antonio Meneghetti. De Genoveva sabemos ser filha de Giuseppe Calsavara e Anna Scantambulo; 5) Eva Meneghetti, nascida em 1887, na Itália, foi casada com o italiano Felice Montovani. É mãe de Maria Montovani, nascida em 21.01.14; 6) Fortunato Meneghetti, nascido em Leopoldina em 13.05.1893 foi casado com Felomena Bonini, família que já mencionamos anteriormente; e, 7) Maria Meneghetti, nascida em 13.05.1893 e casada com o italiano Pietro Gallito, nascido em 1894, em Montagnana/Padova. Maria e Pietro são os pais de Antonio Santo Gallito, de 21.01.1918 e de Luzia Gallito, de 03.12.19.

SANTOS, vila

(Centro) – Está na rua das Flores. Originalmente era composta de 7 casas construídas por Agnello Vitral. Seu nome oficial, homenagem à esposa do construtor das casas, foi dado pela lei nº 146, de 17.08.1951 cujo texto diz: “Ficam denominadas, na rua das Flores, respectivamente, vila Vitral, a que confronta com o beco público e o terreno de Heitor Montes e, vila Santos, a que fica nos fundos da vila Vitral, entre um beco à direita e a esquerda, terrenos de Antônio Vargas Neto.

Agnello Vitral nasceu em Aventureiro, distrito de Além Paraíba, em 14.12.1894. Descendia de José Braz Vitral e Elvira de Faria Vitral. Casou-se em 07.07.1915 com Maria José Santos Vitral, filha de José Dimas dos Santos e Maria Afra de Jesus. Desse casamento são os filhos: Geraldo, Aurora, Gil, Job, Alfen, Iracema, Adonai, Aurea e René. Em 1940 Agnello fixou residência em Leopoldina onde atuou no comércio com a sua “Casa Elite”. Foi um dos fundadores do Racionalismo Cristão em Leopoldina.

SEBASTIÃO ANTUNES FONSECA, avenida

(Caiçara) – Avenida paralela ao leito da BR-116, no lado direito da rodovia, no sentido de quem vai para o Rio de Janeiro, a partir do posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal. A denominação oficial desta avenida ocorreu com a lei nº 3.171, de 19.08.99. Diz o citado texto legal que esta via tem seu início no Posto da Polícia Rodoviária Federal, onde se localizava a balança, indo até a sede da SOLASA, paralela à Rodovia Rio Bahia –116, ao lado direito de quem vai em direção ao Rio de Janeiro-RJ.

Sebastião Antunes da Fonseca nasceu em Tebas no dia 19 de junho de 1921, filho de Justiniano Antônio da Fonseca e Olga Antunes. Coursou a escola primária em Carangola, onde

morava sua avó. Retornando a Leopoldina foi aluno do Gymnasio Leopoldinense na década de 30. Casou-se com Ivone Fajardo com quem teve os filhos José Luiz, Maria Aparecida, Henoch e Kátia. Além de outras profissões que exerceu anteriormente, foi escrivão do registro civil de Leopoldina durante 30 anos, tendo assumido o cartório anteriormente dirigido por Milton Ramos Pinto, também homenageado em logradouro. Faleceu no dia 17 de agosto de 1996.

SEBASTIÃO APARÍCIO DA VEIGA, rua

(Centro) – Diz a lei nº 471, de 28.03.63, que deu nome a esta via, que ela está situada no antigo campo do Esporte Clube Ribeiro Junqueira e, que parte da linha férrea indo até a rua Providência nesta cidade. Atualmente esta rua tem início na rua Jovens Guilherme, Celso e Ângelo e finda na rua Gabriel Andrade Junqueira.

Sebastião Aparício, geralmente conhecido por “Tatão”, foi um cidadão que muito se dedicou ao esporte na cidade e atuou como treinador de diversas equipes.

SEBASTIÃO CAMPOS ALVIM, DOUTOR, largo

(Praça da Bandeira) – Fica no início da rua Sebastião Pereira Bella.

Sobre este largo existe uma certa confusão a ser ainda esclarecida.

O projeto do vereador Elói Rodrigues Neto, que se transformou na lei nº 654, de 31.07.1968, denominou Feijão Cru a praça a ser criada pela administração municipal da época no bairro Mina de Ouro, entre as ruas Sebastião Pereira Bella, São Pedro, João Neto e a vila Gilda.

Recentemente este largo recebeu o nome de Dr. Sebastião Campos Alvim, que foi veterinário e trabalhou na prefeitura durante algum tempo.

SEBASTIÃO FERREIRA LACERDA, rua

(Eldorado) – A lei nº 2435, de 09.09.92, dá denominação de à via pública desta cidade que tem seu início na rua Cel. João Lau e finda na rua F.

Sebastião Lacerda foi motorista de praça ou, taxista, durante muito tempo.

SEBASTIÃO PEREIRA BELLA, rua

(Ventania) - Foi a lei nº 558, de 23.03.1965, que denominou rua Sebastião Pereira da Bella à via pública que partindo da vila Gilda, vai até o alto da Ventania.

Irmão de Getomir e João Bela já citados, casou-se 28.01.1920 em Leopoldina com Santina Sellani, filha de Sante Sellani e Ana Bisciaio. Sante nasceu na comuna de Nocera Umbra, província de Perugia, região da Umbria, Itália. Ana era natural também da Perugia mas, da comuna de Gualdo Tadino. O casal instalou-se na Colônia Constança, lote 60, a 11.06.1910. Ali nasceu sua filha Santina que, após o casamento com Sebastião Pereira da Bella, parece ter residido algum tempo em Muriaé, cidade para onde seus pais se transferiram.

SEBASTIÃO SOARES DE OLIVEIRA, travessa

(Pirineus) – O projeto de lei nº 16/77, de 12.04.77, dá denominação a esta travessa. Diz ele que o homenageado era geralmente conhecido como “Sebastião Garimpeiro”, técnico mecânico especialista em radiadores de autos. Trabalhou, durante muitos anos nas oficinas da empresa Monteiro e Serpa Ltda, antiga agência FORD.

SEBASTIÃO, SÃO, bairro

É um bairro novo que vem surgindo ao lado do antigo leito da estrada de ferro, depois da Bela Vista, nas proximidades do local geralmente conhecido como Lagoa Preta. Estão neste bairro as ruas Britos e Paulo Afonso do Valle.

São Sebastião foi militar e, em razão de sua fé, foi perseguido pelo imperador Diocleciano. Foi preso e executado por volta do ano 300. Seu culto é muito antigo e bastante popular. É padroeiro de diversas cidade, inclusive da nossa.

Ver, adiante, Tomé Nogueira.

SELMO JUNQUEIRA, rua

(Joaquim Furtado Pinto) – Começa na rua Coronel João Lau.

Selmo era advogado e ruralista na cidade. Filho de Francisco Teodoro Junqueira e Ana Botelho, faleceu aos 63 anos no dia 04 de agosto de 1888. Era casado com Maria do Carmo Lima.

SEMINÁRIO, bairro

Recebeu este nome em função de ter funcionado ali o Seminário Menor Nossa Senhora Aparecida, criado por D. Delfim Ribeiro Guedes. Hoje este bairro se confunde com os bairros Arthur Leão, Santo Antonio e Asilo.

SENHOR DOS PASSOS, rua

(Pirineus) – A lei nº 1.498, de 09.04.81, dá denominação de rua Senhor dos Passos à rua que inicia na rua Prof. Gustavo Monteiro de Castro e termina na praça Mário Malaquias de Souza, passando pela indústria Magmar.

Ao propor esta denominação para a via o vereador Ely Rodrigues Netto pretendeu lembrar o espírito cristão do povo leopoldinense. Nesta rua estão sendo instaladas as estações da Via Sacra.

SERGINHO DO ROCK, rua

(Vale do Sol) – A lei nº 3.384, de 13.12.2001, dá denominação à via pública do município de Leopoldina que tem seu início na rua Délcio Werneck Moraes e finda na rua das Acácias.

Serginho do Rock é o nome artístico do cantor e compositor leopoldinense Antônio Sérgio Lima Freire que foi, também, funcionário da câmara municipal. Nascido no dia 26 de outubro de 1940 na chácara de seus avós paternos, que localizava-se na atual rua Farmacêutico Durval Bastos, era filho de Antônio Bastos Freire e Marília de Lima (Dona Sinhazinha). Estudou no grupo escolar Ribeiro Junqueira e no antigo colégio Santa Terezinha. Iniciou o antigo curso ginasial no colégio Santo Antônio de São João del Rey e depois transferiu-se para o ginásio Leopoldinense. Personalidade voltada às artes, não se adaptou ao ensino tradicional e seus pais optaram por levá-lo ainda a estudar em internatos de Petrópolis e do Rio de Janeiro.

Já na adolescência participava de programas da Rádio Leopoldina, tocando violão e cantando músicas de *rock*, donde surgiu o apelido. Durante 10 anos foi funcionário da Caixa Econômica Federal no Rio de Janeiro. Desestimulado com a vida na cidade grande voltou a Leopoldina e começou a trabalhar como secretário da câmara municipal, cargo que exerceu durante 22 anos. Cursou ainda o magistério na escola CNEC e iniciou o curso superior de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases. Foi redator dos jornais Equipe e A Tocha. Criou o grupo Gisassol Maravilhoso e seu respectivo órgão de imprensa, o Hipnótico. Pioneiro na preocupação ecológica em Leopoldina, a natureza e seus amigos foram homenageados em suas mais de 80 composições. Foi autor de Mineira Gostosa, instituída como hino oficial de Leopoldina através da Lei nº 2.783. Faleceu o nosso grande poeta no dia 07 de agosto de 1985.

SERRA VERDE, bairro

É um bairro novo que vem surgindo nas terras da fazenda da Cachoeira, na estrada para Cataguases, nas proximidades da indústria Inega. Seu acesso se dá pela antiga estrada para Cataguases, próximo ao bairro do Limoeiro.

SETE DE SETEMBRO, rua

(Centro) – Liga a praça Gama Cerqueira à praça Professor Botelho Reis.



É uma das ruas mais antigas da cidade. Curiosamente, das primeiras ruas da cidade é a única que permanece com o nome original. Possivelmente recebeu esta denominação em 1880, pela comissão formada pela câmara para dar nome aos logradouros públicos da cidade, à qual nos referimos na introdução deste livro.

O Almanaque de 1885 informa que nela residiam o médico Dr. Carvalho de Rezende e o advogado Dr. Francisco P. de Lacerda Werneck.

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890 diz que o segundo quarteirão partia do largo do Rosário e rua Tiradentes até a casa de negócio do Pedro Barra, na esquina da Sete de Setembro. E o quarto, ia da rua Sete de Setembro até o sobrado de Eugênio Botelho (na atual praça Gama Cerqueira) e Tiradentes até a casa do Tomaz de Almeida Pinho. O quinto quarteirão partia da casa ao lado do sobrado do Eugênio Botelho, na continuação da Sete de Setembro e seguia pelas Tabocas até o alto do Sapecado.

O nome da rua homenageia a data maior do nosso país.

SIDNEY FRANCINO DE SÃO JOSÉ, rua

(Bandeirantes) – A denominação oficial desta rua surgiu com a lei nº 1085, de 06.06.75. É a via pública que parte da atual rua do Contorno e segue em direção a chácara de Raimundo Francino de São José.

Sidney era ruralista e seu filho, de igual nome, é o proprietário da indústria de charretes Tupy.

SÍLVIO VITÓI, rua

(Nova Leopoldina) – A lei nº 2.979, de 16.10.97, dá denominação a esta via pública que tem seu início na rua Dom Gerardo Ferreira Reis e finda na rua Ismail Ávila.

O homenageado descende de família tradicional de Argirita, onde sempre foi muito atuante. Fazendeiro, elegeu-se vereador. Com a emancipação de Argirita, em 1963, foi escolhido prefeito, cargo que ocupou por mais de uma vez. Filho caçula dos imigrantes Emili Vitoi e Anungiata Minicucci, procedentes de Lucca, Toscana, Italia. Nasceu 26.10.1919 em Argirita e era irmão de Fernando, Eliseu, Heitor, Hugo, Anita, Ida, Rosa, José, João, Carlos e José Alcino Vitoi. Seu irmão João foi casado com Nazar, a D. Nazinha que ainda reside na rua Presidente Carlos Luz, em frente à rua que vai para os Pirineus. Silvio casou-se em 1945 com Imar Paixão. Na época era sócio dos irmãos Carlos Alberto e José Alcino da casa comercial Irmãos Vitoi, em Argirita. Ingressou na vida pública em 1947, como juiz de paz do então distrito, cargo que ocupou durante 8 anos. Em 1958 foi eleito vereador em Leopoldina, sendo reeleito em 1962 mas, não assumiu por conta da emancipação de Argirita. A 30.06.1963 foi eleito o primeiro prefeito de Argirita. Foi reeleito para os mandatos de 1971 a 1973 e 1983 a 1988. Faleceu em Argirita a 03.08.1995.

SINDICATO TÊXTIL, rua

(Fábrica) – Começa na rua Vinte e Sete de Abril e termina na praça Professor Ângelo. Era geralmente conhecida como “Beco do Sindicato”. Seu nome oficial foi dado pela lei nº 476, de 28.05.1963.

Nesta rua fica a sede e o clube dos operários da Fábrica, muito concorrido na década de 1960.

SOLEIRO, rua

(Cemitério) – Começa na rua Joaquim Ferreira Brito e contorna o morro do cemitério indo terminar na praça São José. É a rua do antigo matadouro Municipal

É uma homenagem ao padre José Maria Soleiro, vigário do curato e freguesia de Leopoldina. Foi o terceiro padre da cidade.

O Almanaque de 1887 diz que o Padre Soleiro foi o fundador da igreja do Rosário.

Ver também bairro Santo Antonio.

SYLVIO MARANHA, rua

(Bela Vista) - No mapa do loteamento esta via encontra-se identificada como rua 29. Pela lei nº 1.281, de 18.08.78, recebeu a denominação atual. O texto legal diz que está “situada à margem direita do bairro Bela Vista”.

No mapa da prefeitura fica no bairro Esteves e liga a rua Professor Gustavo Monteiro de Castro à rua Edson Barbosa Rezende.

Sylvio Maranha trabalhou durante muito tempo no DNER.

Ver mais sobre a família em Arthur Maranha.

SUMÁRIO